

EU NÃO QUERO MAIS ESTUDAR NA SUA ESCOLA QUE NÃO CONTA A MINHA HISTÓRIA, NA VERDADE ME MATA POR DENTRO PEDAGOGINGA

GOMES, Vanilce Farias ¹

SATHLER, Conrado Neves ²

Eixo temático: Educação, Currículo e linguagens para as relações étnico-raciais.

Resumo: O objeto de estudo deste trabalho é a conexão das produções do movimento hip-hop com processos educativos, especificamente sobre a necessidade de rompimento com a lógica de ensino pautada na Colonialidade do Saber e do Poder. Nosso objetivo é analisar a letra da música Pedagoginga, de Thiago Elñino; refletindo sua crítica ao sistema de ensino ritualizado, o incentivo à descolonização dos conteúdos e a possibilidade de uma Pedagogia alternativa por meio do Movimento Hip-Hop. Como metodologia, utilizaremos a Análise do Discurso Arqueológica Foucaultiana. Os resultados parciais obtidos após análises iniciais são de que a música Pedagoginga se apresenta como crítica ao sistema de ensino pautado nos conhecimentos branco/europeus e como sua ritualização pode ser responsável por afastar sujeitos pertencentes às minorias, alvos de violência e opressão dos espaços escolares. Observamos ainda que a Colonialidade do Poder se apresenta enquanto ferramenta de dominação, o Movimento Hip-Hop, e aqui a música Pedagoginga, se apresenta como resistência a esse processo, mostrando a importância da Decolonização dos Saberes para o rompimento com os processos de ritualização da Educação que interdita saberes e sujeitos colonizados.

Palavras-chave: Discurso. Educação. Hip-Hop.

Introdução

Apresentaremos um breve histórico do movimento hip-hop, a ritualização da Educação de acordo com a perspectiva foucaultiana e os impactos resultantes desse (des)encontro. Posteriormente, analisaremos recortes da letra da música Pedagoginga, de Thiago Elñino, rapper negro nascido em Belo Horizonte que, em suas letras, utiliza elementos presentes nos terreiros da religião afro-brasileira Umbanda como conceitos, pontos cantados nas celebrações, tambores e riddins

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: vanilcepsicologia@gmail.com.

² Professor Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: conradosathler@ufgd.edu.br.

jamaicanos na base sonora. A escolha dessa letra se justifica por possibilitar uma Pedagogia Alternativa chamada pelo rapper de Pedagoginga, uma forma de ensinar por meio do hip-hop que se faz ouvir e aponta as fronteiras da Educação Formal eurocentrada e suas problemáticas. O método por nós utilizado será a análise arqueológica foucaultiana.

Nossa hipótese é de que a letra possibilita descolonizar o espaço escolar propondo desenvolver conhecimentos do Sul Globais não centrados no modelo europeu. Essa possibilidade abre espaço para que pessoas negras e de outras minorias sintam-se pertencentes e representadas nos conhecimentos apreendidos. Entre os objetivos desse trabalho estão: apontar a possibilidade de uma Pedagogia Alternativa que utiliza componentes do hip-hop; refletir sobre a ausência de espaços educativos com conteúdos opostos à Colonialidade do Saber e do Poder e analisar a letra de Pedagoginga como crítica ao sistema educacional ritualizado.

Desenvolvimento e análise

O rap (*Rhythm and Poetry*) é um dos elementos do movimento hip-hop que em seus enunciados possibilita pessoas e grupos socialmente marginalizados denunciarem vivências e violências cotidianas em suas levadas. Mesmo diante da resistência à aceitação de *status* de movimento artístico, o hip-hop e suas manifestações tornam “impossível dissimular a minoria dos guetos, eles se exibem, se fazem escutar, se fazer ver, eles são absolutamente invasivos” (BÉTHUNE, 2015, p. 30). O hip-hop abre a possibilidade de ser visto e escutado além das fronteiras e se existe uma parcela de pessoas e grupos sociais recusando-se a ouvir os sons produzidos pelas(os) MC’s, os desenhos grafitados fecham essa possibilidade, pois chegam aos centros e bairros elitizados das cidades (BÉTHUNE, 2015).

A existência do hip-hop como movimento social e político no Brasil acompanhou acontecimentos históricos, fortaleceu-se junto aos movimentos sociais no final da ditadura militar e passou por uma politização. A ampliação do movimento nesse período fez emergir com maior força o debate sobre a discriminação racial e de classes trazendo à cena minorias até então com pouco ou nenhum espaço no movimento, tais como mulheres, indígenas e homossexuais (TEPERMAN, 2015).

Conforme apontado por Foucault (2008), antes de nos ocuparmos da análise de qualquer discurso, é necessário lembrar que o material analisado é “uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral” (p. 30). A conceituação de acontecimento colocada por esse autor é da ordem da materialidade e, embora envolva corpos e processos, não é definido por eles, mas sim na dispersão dos sentidos provocados. No caso de Pedagoginga, a população de acontecimentos é o ambiente escolar e sua relação com o rapper na enunciação.

Sendo o ambiente escolar aquele que abarca os processos de ritualização da Educação, as relações desenvolvidas em seu interior são acontecimentos geradores de sentidos aversivos, como mostrado pelo enunciado “ô lugar que eu odiava”. A ritualização dos processos de Educação é apontada por Foucault (2013) como uma das responsáveis por determinar e controlar a apropriação dos discursos:

A Educação [...] segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de Educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. [...] O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação de papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação dos discursos com seus poderes e saberes? (FOUCAULT, 2013. p. 41 - 42).

A ritualização da palavra na Educação é contestada por Pedagoginga que se utiliza de um elemento incorporado ao Movimento Hip-Hop por Afrika Bambaataa, o componente político representado pela construção do conhecimento compartilhado e adquirido nas ruas do Bronx. O elemento político foi incorporado como resistência à redução do Hip-Hop a um simples mercado musical. O componente político é considerado essencial para potencializar a transformação presente no Hip-Hop, pois o conhecimento, vindo das ruas e experiências, contado pelos que o vivem se torna uma ferramenta decolonial dos saberes e valoriza outras formas de conhecimento e pertencimento locais (TEPERMAN, 2015).

O enunciado “alforriaram o nosso corpo, mas deixaram a mente na prisão” aponta um dos movimentos existentes em países do Sul Global, chamado por Quijano (2005) de Colonialidade do Saber e do Poder. Nesse processo, a Europa ao se estabelecer como centro do capitalismo mundial obteve, por meio de exploração e espoliação, o controle territorial da América Latina, África e Ásia. Impôs seu domínio colonial a todas as regiões e populações do planeta, não só nos quesitos

territoriais, mas também culturais. Criou, assim, um padrão de poder específico que implicou às populações dominadas uma re-identificação histórica atribuída por novas identidades geopolíticas pautadas no padrão de conhecimento europeu.

As ferramentas e estratégias que garantiram/garantem a Colonialidade do Poder e do Saber foram: expropriação das populações colonizadas em prol do desenvolvimento europeu; repressão da produção dos conhecimentos dos colonizados alterando suas subjetividades, produções de sentidos e universo simbólico; e imposição do ensino da cultura dos colonizadores, de maneira a servir de manutenção das relações coloniais mesmo depois de supostos processos de independência (QUIJANO, 2005). Fazendo com que a colonização não tenha terminado, pois:

[...] todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentidos aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (QUIJANO, 2005. p. 121).

O enunciado “alforriaram nosso corpo, mas deixaram a mente na prisão”, aponta para o processo de Colonialidade do Saber e do Poder e para a resistência a ela. E, conforme Foucault (2013), todas as ferramentas de poder apresentam em si resistências, Thiago Elñino reconhece a presença da dominação para além do corpo, alcançando a materialidade do discurso e apresentando resistência, pois enuncia “Não! Abre logo a porra do cofre, não tô falando de dinheiro eu falo de conhecimento” e, em seguida, com o imperativo “abre logo” indica a ideia de que a resistência é inerente aos processos de dominação. Em “não tô falando de dinheiro eu falo de conhecimento” é possível perceber a importância atribuída às formas de ensinar e a fé na capacidade de gerar autonomia na perspectiva de Elñino, também presente em diversos textos de teóricas do pensamento feminista negro, como bell hooks³, em Ensinando a Transgredir (2013) para quem a Educação precisa ser vista como prática de promoção de liberdade pautada em uma maneira de ensinar em que todas e todos podem aprender. A tarefa de ensinar adquire aspecto sagrado, pois deve participar no crescimento intelectual e espiritual despertando condições necessárias para um aprendizado único e mais íntimo.

³ A Pedagogia Engajada defendida por bell hooks tem forte influência da Obra e Pedagogia de Paulo Freire, com quem teve aulas.

Considerações Finais

Os enunciados de Pedagogia apontam o Movimento Hip-Hop como espaço de produção de conhecimentos, saberes e descolonização. Marcam a necessidade de demonstrar que a escola pode se configurar como espaço de violência, exclusão e angústia para as minorias, pois exige dos alunos “um interesse num mundo que não tinha nada a ver com o meu, não sei se a escola aliena mais do que informa”.

Em Pedagogia, Elfino rompe fronteiras da Educação ritualizada, pautada na Colonialidade do Saber e do Poder e nos alerta “nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar depende da história contada e também de quem vai contar” e nos aponta uma saída, uma esperança “o Hip-Hop me falou de autonomia, autonomia que a escola nunca me deu”.

Referências

BETHUNÉ, C. A propósito da expressão “menor”: o que o rap faz à cultura dominante. In AMARAL, M. do; CARRIL, L. (Org.). **O Hip Hop e as diásporas africanas na modernidade: Uma discussão contemporânea sobre cultura e educação**. São Paulo: Alameda, 2015. p. 27 – 48.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 23ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

OSUMARE, H. "Marginalidades Conectivas" do hip hop na diáspora africana: os casos de Cuba e do Brasil. In AMARAL, M. do; CARRIL, L. (Org.). **O Hip Hop e as diásporas africanas na modernidade: Uma discussão contemporânea sobre cultura e educação**. São Paulo: Alameda, 2015. p. 63 – 92.

QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

TEPERMAN, R. **Se liga no sim: as transformações do rap no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.